

## Toda a vastidão da terra

João Batista Melo<sup>1</sup>

*Eu o olhava como se espia lá embaixo alguém que está caído  
no fundo de um precipício onde o sol nunca bate.*

JOSEPH CONRAD, *O coração das trevas*

O carro levantou um jato de terra ao parar diante do portão. Do outro lado, os homens apontaram rifles e o advogado Otacílio não mais se mexeu dentro do carro, passando os olhos de arma em arma ao longo da cerca. Bastaria um leve movimento de suas mãos ou um pequeno avanço do carro rumo à entrada da fazenda para que os gatilhos mudassem de posição e todas as balas convergissem num único sentido.

Um dos homens abaixou o rifle e caminhou para o portão. Otacílio esperou no banco do jipe. Não obstante estivesse ali a convite do proprietário da fazenda, o brilho das armas refletindo o sol provocava-lhe certa inquietação, o receio de seguir para uma cilada, embora desconhecesse alguma razão que a justificasse. O homem separou as duas metades do portão, ergueu a mão num aceno amistoso, mandando que o advogado prosseguisse. Os outros afrouxaram a rigidez das armas, embora ainda as mantivessem estendidas para frente, agora voltadas para um alvo invisível atrás de Otacílio.

---

<sup>1</sup> Nasceu em 1960 em Belo Horizonte, Brasil. Publicou dois romances, *Patagônia* (Prêmio Cruz e Sousa) e *Malditas Fronteiras* (Prêmio Cidade de Belo Horizonte); quatro coletâneas de contos, *As baleias do Saguenay* (Prêmio Paraná e Prêmio Cidade de Belo Horizonte), *O inventor de estrelas* (Prêmio Guimarães Rosa), *Um pouco mais de swing* (Prêmio Bolsa da Biblioteca Nacional), *O colecionador de sombras* e *Descobrimientos*; e o ensaio *Lanterna mágica: infância e cinema infantil* (finalista do Prêmio Jabuti). É roteirista e diretor de cinema, tendo realizado seis curta metragens, selecionados para diversos festivais no Brasil e no exterior. Seu filme *Tampinha* foi premiado como melhor curta de ficção no festival *Divercine*, no Uruguai. Compositor especializado em trilhas sonoras, é graduado em Comunicação Social pela UFMG e mestre em Multimeios pela Unicamp.

O jipe ultrapassou a cerca, contornou a piscina de ladrilhos verdes, a mesma onde um mês antes boiara o corpo de um dos filhos do proprietário, alvejado pelos invasores enquanto se banhava ao sol. Quando o carro se instalou na sombra dos jatobás, um empregado já estava li perto à espera de Otacílio. Abrindo a mão para indicar a trilha entre as cores do jardim, deixou que o advogado passasse à sua frente e o seguiu de perto, serpeando em meio aos tufos de rosas e margaridas, a porta da casa mais distante do que inicialmente parecia. À direita, um automóvel antigo de colecionador atravessava o campo de vôlei, a água escorrendo nos vidros, formando uma nódoa mais forte na grama bem cuidada, enquanto um homem negro esfregava um pano na lataria brilhante.

Depois do jardim, um longo pátio, algumas mulheres caminhando com pilhas de roupas lavadas, uma garagem mais ao fundo com a porta entreaberta e a quilha de um barco projetada para fora, o canil à esquerda cheio de animais se alternando junto à grade, os dentes vibrando num rosnado ameaçador.

Atravessaram o pátio e chegaram à porta da casa. O empregado pediu que Otacílio esperasse antes do portal de cerejeira. Desapareceu no fundo da sala, que vista dali era como a nave de uma igreja sem luz, apenas o reflexo de alguns objetos se mostrando na escuridão: os pedacinhos de cristal flutuando no que deveria ser um lustre, o tampo da mesa, os riscos de água se movendo em um grande aquário. Lá fora, algumas crianças corriam em volta de uma gangorra ou deslizavam pelo rego de um escorregador, acompanhadas pela babá negra, que naquele momento carregava uma das meninas no colo.

O empregado voltou, pedindo ao advogado que entrasse na sala e fechasse a porta em seguida. Isolada a claridade do sol, o cômodo se tornou mais nítido, e Otacílio confirmou o lustre, a mesa, o aquário. Agora podia ver também os adornos opacos, grandes elefantes de jade no alto de uma estante, os tapetes tão densos como um

gramado, a cortina de seda como um fantasma diante da janela. Otacílio se acomodou num dos sofás, esperou um longo tempo antes que o senhor Estevão surgisse sob o arco que separava a sala do cômodo seguinte.

- Que bom você ter vindo – o fazendeiro se estendeu na poltrona em frente. Virou o corpo para trás até que conseguiu abrir um armarinho no nível do chão. Apanhou uma caixa e tornou a fechá-lo. Dentro dela, um trilho de charutos, que ofereceu ao advogado enquanto tirava um para si.

- Não fumo. Obrigado. – Otacílio fez uma mesura. – Mas eu não podia deixar de vir, senhor Estevão. Um pedido seu...

- Sinta-se honrado, Otacílio. Você está em nossa cidade há muito pouco tempo para já ter conquistado a minha confiança.

Otacílio se desconcertou com alguma timidez. Bem atrás dos cabelos brancos do senhor Estevão, um peixe espiava do vidro, os olhos como alfinetes pretos fincados na parede do aquário. Outros percorriam retas em vários níveis da água, subindo e descendo, buscando esconderijos entre as folhas e algas.

O fazendeiro estendeu a mão para uma campainha e logo um garçom lhes trouxe copos de bebidas. Otacílio bebeu lentamente, a atenção difusa entre a movimentação dos peixes, a voz do homem latejando na tarde quieta, os gritos das crianças no pátio e o jorro da mangueira batendo no carro, soando ali como uma chuva distante ou um pequeno regato.

- Por que esse chamado tão urgente?

O homem ergueu o copo. Otacílio viu a bebida escorrer pelos lábios gretados, descer num espasmo pela garganta.

- É preciso entender os sinais da vida, Otacílio. Estou me sentindo fraco, sinto o meu corpo fraco. – Virou o resto da bebida de uma vez, depois deixou a mão tombar no regaço, o copo ainda pendente no ar. – Quero que escreva e registre meu testamento.

- Acho que ainda não é o tempo para isso, o senhor ainda parece muito forte. Mas, se é isso que deseja, pode ser quando o senhor quiser. Mas será um trabalho demorado. Sei que são muitos bens, muitas propriedades.

O homem sorriu, olhou para as paredes da sala, deteve-se na coleção de armas, garruchas antigas e rifles de todos os tipos, mirando os insetos que se penduravam na cortina.

- O trabalho de uma vida. Cada coisa conseguida com muito esforço. – Fez uma pausa como se meditasse sobre algo importante. – Você não conhece nem mesmo esta fazenda. Preciso ir agora ver um gado que compramos, se quiser me acompanhar, será bem vindo.

Otacílio aceitou o convite e saíram no mesmo instante, um carro grande já esperava diante da porta, ao volante o empregado que antes lavava o outro automóvel. Cruzaram o pátio, as crianças saltando e acenando para o avô, o senhor Estevão, que estendia em resposta o braço para fora da janela. Ele o recolheu somente quando uma estrada de terra dividiu o campo em duas metades e o carro se tornou um simples brilho de metal na imensidão verde das plantações. No banco da frente, junto ao motorista, um dos homens que haviam recebido Otacílio espremia agora um rifle no estreito espaço entre o banco e o painel.

O rendado das plantas cultivadas parecia se estender até onde a vista alcançava, galgando pequenas colinas à frente e aos lados, mergulhando em relevos ainda invisíveis. O carro seguia como uma agulha percorrendo a gigantesca manta verde.

- Está aqui faz muito tempo? – Otacílio olhava pela janela, surpreso com as dimensões da fazenda. Já ouvira dizer que ela era imensa, mas não a imaginara tão grande.

- Você nem pensava em nascer. Vim com meu pai, tudo isso era mato puro. No princípio compramos uma terra onde hoje é a sede da fazenda. Meu pai morreu pouco tempo depois e eu fui cuidando do que ele nos deixou. Fui comprando mais terras e a propriedade foi crescendo. Hoje ela é grande, meu jovem advogado. Tão grande quanto as dores de cabeça que ela me causa.

- O senhor se refere ao seu filho?

- Essa foi a maior das dores de cabeça. Pelo menos os safados dos assassinos estão mais mortos do que ele. Devidamente mortos.

Sentiram um solavanco ao atravessar a ponte de madeira. Os encaixes rangeram, toda a estrutura percutiu como se estivesse prestes a se quebrar, mas logo os pneus tocaram a terra, deixando a ponte intacta sobre o rio. Acompanharam o leito por algum tempo, depois se afastaram quando a subida se tornou mais íngreme.

Às vezes se viam traços mais brancos em meio à tonalidade imutável das culturas, lavradores que se debruçavam nas cumeeiras, lançando adubos, espalhando defensivos ou catando grãos. Alguns vinham pela estrada, a camisa suada presa ao corpo, uma ferramenta apoiada no ombro.

Rodavam agora no alto de uma colina, as plantações se despejando na planície do outro lado. Uma vertente mais funda seguia paralela à estrada. Era um rasgão na rocha que crescia devagar até se abrir de repente num platô quase oculto entre árvores e pedras.

Justamente ali estavam as famílias. Pareciam ter chegado há pouco, conversavam em torno de velhas barracas de lona. As crianças se isolavam ao fundo, não brincavam,

aguardavam quietas os pais discutirem com palavras que do carro não se ouvia. O senhor Estevão esticou o rosto pela janela, procurando ver melhor o que acontecia lá embaixo. Otacílio apenas observava, sem compreender bem o que acontecia.

- Merda! – gritou o senhor Estevão.- Pare o carro! – Meditou um instante e se voltou para o motorista. – Tenho que ver aquele gado ainda hoje. Mas você desce e volta. Chame todo o pessoal e bota essa gente para fora ainda hoje, antes que comecem a se instalar outra vez.

Então se virou para o homem que levava o rifle.

- Você continua aí a postos. Nunca sei quando vou precisar dessa coisa na sua mão. Pode deixar que eu dirijo. - E passou para o banco da frente.

O empregado ficou um tempo parado no meio da estrada, olhando ora para o acampamento dos invasores, ora para o carro que se afastava. Começou a caminhar de volta para a sede da fazenda quando o carro desapareceu numa curva.

Cruzaram novamente o rio, agora bem menor do que antes, somente um protótipo do caudal que se agitara sob a ponte de madeira.

- Esse pessoal já esteve aqui? – Otacílio tentou desfazer o silêncio.

- Expulsei todos eles da última vez em que se atreveram a acampar aqui. Dizem que estão numa parte da fazenda que não é cultivada. Realmente é uma área que foi abandonada há algum tempo, mas é minha, e posso trabalhar nela quando quiser, se quiser algum dia novamente. Expulsei todos. Mas alguns resistiram e acabaram mortos. Foi depois disso que mataram o meu filho Roberto.

- Ficou provado que foram invasores que atiraram nele?

- Não precisava de provas. Eu sabia. Isso bastava. Mas desta vez não vou deixar eles criarem asas. Hoje mesmo todos vão debandar ou morrer.

Otacílio se inquietou no banco de trás. Por reflexo, debruçou-se no encosto do banco da frente e mirou o rosto do senhor Estevão, que permanecia fixo na acidentada estrada de terra.

- Um momento, senhor Estevão. O que os seus homens vão fazer? Além de tudo, tem crianças naquele acampamento. A gente tem que tratar isso legalmente. Posso voltar e entrar com uma ação de reintegração de posse.

O senhor Estevão riu em voz alta e, mantendo a mão esquerda no volante, com a outra apalpou o cano do rifle que seu empregado carregava no banco ao lado.

- Essa é a ação em que eu confio, doutor Otacílio. Quando eu precisar das suas ações, eu aviso.

Otacílio colocou a mão sobre o ombro de Estevão.

- Por favor, pare agora esse carro, eu não posso permitir que isso aconteça. Vamos voltar e o senhor altera a ordem que deu ao seu empregado.

O homem no banco do passageiro então ergueu o rifle e o apontou para Otacílio, enquanto o senhor Estevão dizia num tom calmo, como se falasse com alguém que tivesse dificuldade para compreender as coisas.

- Fique no seu lugar, doutor Otacílio. Cuide das suas coisas, e das coisas que eu mandar você cuidar, e você se dará muito bem. É a sua única alternativa.

Otacílio olhou em volta, tentando refletir sobre a ação a tomar. E num impulso empurrou o cano da arma para o alto. O tiro atravessou o teto e os dois homens iniciaram uma desajeitada luta pela posse do rifle. Com a sua movimentação descontrolada, terminaram por imprensar o braço do senhor Estevão, que, num gesto involuntário, girou com força o volante.

O carro deslizou como se a terra estivesse molhada. No movimento, o cabo da arma acertou a cabeça do fazendeiro, assustando o empregado, que se distraiu de Otacílio por um momento.

O fazendeiro largou o volante, levando a mão ao rosto atingido, mas de repente seu olhar se fixou num ponto à frente do carro e ele abriu a porta, saltando para fora do veículo em movimento. O carro patinou mais fortemente na terra e raspou num barranco, atirando Otacílio para frente e lançando o empregado de Estevão contra o para brisas. A porta aberta foi arrancada por uma árvore e a paisagem se moveu diante dos olhos do advogado.

O carro derrapava ainda mais e começava a deslizar em direção a um pequeno penhasco. O último deslize foi mais lento, dando a Otacílio tempo de se lançar para fora antes que o carro em fogo descesse colina abaixo, levando consigo o segurança e seu rifle. O advogado ficou um tempo estendido no meio do barro, até que a respiração voltou ao normal e ele sentiu que não quebrara nada e que seria capaz de se levantar. Procurou pelo senhor Estevão e o encontrou no mesmo lugar onde este pulara do carro. Ajudou-o a se erguer e ambos constataram que, apesar de machucados, conseguiam pelo menos caminhar.

Avançaram de volta pela estrada, andando devagar na direção de onde tinham vindo, o sangue escorrendo nas roupas rasgadas, as feridas doendo em cada passo. Várias vezes o senhor Estevão pediu que parassem e se assentou em pedras na margem da estrada. Otacílio, por sua vez, sentia um corte no braço, achava que talvez um pedaço de vidro se incrustara dentro do músculo.

No caminho, folhas e grãos, esteiras de terra, culturas a perder de vista, e a desagradável sensação de infinito que tudo isso provocava em Otacílio. Ao seu lado, o fazendeiro meio se arrastava, não olhava para frente, eram os pés que pareciam ler o



caminho, saber quando era hora de virar ou seguir. Mas Otacílio cismava se não andavam mais do que necessário, enquanto o sol os via de cima, sem interesse, exceto o de queimá-los com raios que deixavam as plantações num estado perene de calor e abafamento.

Desde que se levantaram da terra, nenhum dos dois disse nada, nenhum comentário sobre o que antecederia o acidente ou sobre qualquer outra coisa. Eram seres mudos andando de volta para a sede da fazenda. Embora exausto, Otacílio sabia que não poderia seguir até a sede, onde certamente seria morto ou coisa pior pelos capangas do senhor Estevão. Mas, por ora, desejava chegar a algum lugar e assim apenas seguia em frente.

Caminhavam. Por trilhas e matagais, por rochedos que nasciam de súbito como uma nova plantação. Em volta, nenhum braço entregue à colheita, ninguém compartilhando com eles a travessia daquela vastidão. O fazendeiro se adiantava como se soubesse o caminho, mas o tempo avançava mais que eles, e não chegavam a lugar nenhum. Otacílio se tornava impaciente, o cansaço e as dores minando as formalidades do trato social, a vontade de indagar sem rodeios para onde seguiam, ou se o fazendeiro era somente um sonâmbulo a em meio aos delírios da febre que provavelmente já o consumia.

Mas era preciso caminhar, embora a paisagem parecesse se repetir, um ciclo de trigos e cafezais, planícies e pequenos morros que, contudo, não eram os mesmos. Não andavam em círculo. Avançavam. Apenas sem nenhum destino próximo. Se é que havia algum.

Estavam diante de uma bifurcação, a estrada de repente se quebrava como uma forquilha. Otacílio esperou que o fazendeiro indicasse o rumo a seguir. Por um momento este pareceu vacilar, mas ergueu o indicador para a estrada que seguia à direita. Pouco

depois o caminho se dissolveu na mata, os tufo de grama foram brotando aos poucos até que a vegetação cobriu todo o espaço à frente. O senhor Estevão apontou para um celeiro distante, a construção ainda distinta em meio à relva:

- Depois do paiol vem a fazenda – apenas os tremores da dor alteravam o tom firme de sua voz.

Andaram lentamente através do mato espesso, o celeiro parecendo fugir com a tarde. Um movimento brusco da grama fez com que parassem, o advogado olhou em torno confirmando se não haveria ali espaço para um homem se mover oculto. Certamente, o fazendeiro temia algum ataque dos invasores de suas terras, enquanto por sua vez Otacílio temia os empregados do fazendeiro. Por razões diversas, embora ansiassem por socorro, no fundo ambos receavam o encontro com outros homens no meio daquela mata.

Continuaram caminhando até que outro monte de capim se curvou subitamente. Otacílio se abaixou, ergueu uma pedra que lançou de encontro às folhas. Houve um frêmito na vegetação em volta, o som de ágeis passadas, o corpo quente do fazendeiro se aproximou do rapaz em busca de um anteparo contra o que fosse acontecer. Quando tudo quietou, a noite já escurecendo os contornos da paisagem, os dois prosseguiram. Antes de chegar ao celeiro, Otacílio avistou um vulto se embrenhar nos espaços entre as plantas, um pequeno animal que de longe lembrava um coelho.

O celeiro era menor do que parecera à distância, um galpão de madeira cheio de restos de plantas, sabugos secos de milho, pedaços de folhas, casacas de cereais voando como asas de insetos. Otacílio soltou o braço do outro homem, que já andava com dificuldade, percorreu a penumbra em busca da entrada, abriu a porta e espreitou a escuridão. Vislumbrou sacos de estopa cheios de grãos, espalhados em quase todo o espaço. Deu mais uma volta em busca de alguém, mas o lugar estava deserto.

Encontrou o fazendeiro estendido no chão. Abaixou-se, vendo então o ferimento no ombro, que parecia quebrado. Levantou o homem nos braços e entrou no celeiro, fechando a porta ao passar. Recostou-se num dos sacos e ficou à espera. No campo se escutavam somente os ruídos da noite. Às vezes Otacílio imaginava passos, mas o correr do tempo confirmava que lá fora não havia ninguém. No meio da noite, os olhos do fazendeiro se abriram e ele murmurou frases sem nexos. Otacílio se aproximou mais do rosto suado, a febre expelindo ondas de calor em torno da pele.

- Não há mais ninguém? – o fazendeiro parecia olhar as imagens de um sonho.

- Só nos dois.

- Eles vêm pouco neste paiol. Talvez amanhã apareçam. Ou depois.

Algo estalou no gramado. Os dois ficaram quietos, aguardando um novo som que não veio. Muito depois, Otacílio voltou a falar:

- Não sabe quando se fazem as coisas em sua fazenda?

Sem responder, o fazendeiro adormeceu por um longo tempo. Havia movimentos e sons dentro do paiol, talvez ratos correndo de um saco para outro. Otacílio acompanhava o nascer e o desenrolar de cada ruído, nunca se sentira tão desperto como naquela madrugada. Mas o passar das horas foi unindo seus olhos às sombras que o cercavam. E logo dormiu. Um sono quente e molhado como se cochilasse à beira de uma fôrnalha ou sob o sol de meio dia. Acordou com tiros, soavam distantes, eram quase apenas um eco. Viu se abrirem também os olhos do outro homem.

Otacílio se sentiu mal, os lábios secos e aquecidos, o corpo fraco, pensou se não estaria também febril. Então a voz do senhor Estevão soou como a coisa mais alta na madrugada.

- O que aconteceu?

- Não sei. Foi longe daqui. Os seus pistoleiros atacando os invasores?

- A esta hora da madrugada?

- Acha que podem ser os invasores atacando a fazenda? Não acredito que fossem fazer isso. Ainda mais com aquele tanto de crianças no acampamento. Talvez eles só quisessem um lugar para ficar.

O fazendeiro ergueu o corpo de uma vez, gemeu com a dor no braço ao se mover, e voltou a se deitar. Otacílio se levantou e andou entre o sacos de grãos. Perguntava-se o que fazia naquele lugar, envolvido com problemas que não eram seus. Ou seriam problemas que ele sempre evitara considerar como sendo seus?

- De onde eles vieram? – Perguntou, sem olhar para o fazendeiro.

- Alguns trabalharam para mim. Os outros foram chegando aos poucos.

- E o senhor mandou todos embora.

- Queria que eu fizesse o quê?

- E mandou matar os que não quiseram sair.

Houve um longo silêncio. Otacílio não sabia se o homem dormira ou se desmaiara novamente. Um grito súbito o fez apoiar-se na parede de tábuas. O fazendeiro gargalhava. De repente o silêncio voltou. Os olhos do homem percorreram a escuridão até encontrarem o branco dos olhos de Otacílio.

- Levei uma vida para construir tudo isso – ele falou em seguida. – Que direito eles têm sobre qualquer pedaço desta terra?

A noite terminou sem mais palavras. Pela manhã, Otacílio ajudou o fazendeiro a se colocar de pé. Tornaram a percorrer a campina, o senhor Estevão indicando o caminho de volta para a sede da fazenda. Horas mais tarde chegaram em novo campo aberto, aqui e ali o pontilhado das cabeças de gado em meio à grama. O fazendeiro ainda arrastava os pés, mas parecia mais forte do que durante a noite. Pararam no princípio do pasto, o fazendeiro sempre olhando em volta à procura do caminho.

Prosseguiram sem rumo por toda a manhã, a fome corroendo as poucas forças que lhes restavam. Deixaram o pasto e subiram uma nova serra. Pouco depois encontraram uma trilha que seguia em direção ao alto da colina.

O fazendeiro indicou o norte. Caminharam mais algumas horas entre pastos e novas elevações do terreno. No fim do dia, estavam no alto de um rochedo. Embaixo, o verde dos campos se estendia como um tecido aberto. Otacílio olhou para o fazendeiro. O silêncio em resposta significou uma nova ausência de rumos.

Dormiram sob uma malha de arbustos. No dia seguinte, a fome e o cansaço eram as únicas sensações. Foi naquele momento que Otacílio descobriu o quanto ele próprio se encontrava doente. As horas vividas na fatigante e interminável jornada, arrastando-se pelos campos davam-lhe agora o tributo de um imemorial cansaço. Picadas de insetos, ratos invisíveis na noite, a inanição consumindo células e músculos, o desespero dos labirintos minando a gasta resistência. Mesmo assim, continuaram a caminhar. O senhor Estevão apontou para a planície.

- Vamos por ali. Ainda estamos nas minhas terras.

O jovem advogado aguardou um instante enquanto o fazendeiro já seguia à sua frente. Limpou nas mãos o suor do rosto e se assentou na grama úmida do orvalho. Deixou que o outro desse sozinho mais alguns passos cambaleantes. Então se estendeu na campina. Olhou para as infinitas plantações verdes que se estendiam à frente de seus olhos e conheceu as limitações de seu coração.

Antes que o senhor Estevão cessasse o desajeitado caminhar, represado pela idade repentinamente densa, e voltasse o rosto para o advogado estendido na relva, o coração enfraquecido imobilizou os olhos do rapaz, deixando sozinho o fazendeiro naqueles campos onde não se viam outros seres humanos. Lentamente, ele se curvou sobre o corpo do advogado Otacílio, tocado pela grandeza da sua própria solidão.

Sem mais nada a fazer, seus passos o levaram pelo espaço aberto da planície. Seguiu em busca do horizonte, um vulto frágil se reduzindo cada vez mais entre as raras reses na campina. A fome o devorava e enfraquecia, mas ele a confrontava e seguia adiante. Olhava em volta e via um manto de pés de trigo, mas se perguntava como poderia se alimentar com aquilo. Pensou em atacar à mão livre um dos bezerros, mas constatou que dificilmente seria bem sucedido e, assim, a fome prevalecia.

Aquele dia se extinguiu. Bem como o seguinte. E o que veio depois. Sozinho no verde interminável das plantações, o fazendeiro ainda caminharia por muito tempo. Caminharia pelo resto de sua vida. Atravessaria toda a vastidão da terra. Da sua terra. E ele repetia isso incontáveis vezes enquanto caminhava rumo a lugar nenhum. A sua terra. A sua terra. A sua terra.